

NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS E ACEITAÇÃO DO CABELO NATURAL COMO CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE[1]

NARRATIVES OF BLACK WOMEN AND ACCEPTANCE OF NATURAL HAIR AS CREATION OF AN IDENTITY

NARRATIVAS DE MUJERES NEGRAS Y ACEPTACIÓN DEL CABELLO NATURAL COMO CREACIÓN DE UNA IDENTIDAD

Kátia Sara Henriques Xavier-Zeca[j]

RESUMO

Pensar na identidade, em um contexto de globalização e de constante mutação, é um desafio enfrentado por diversas sociedades. O processo de formação da identidade não é estatístico nem biológico, mas sim contínuo e histórico (HALL, 2005). Vários movimentos têm emergido no sentido de defender a representatividade e aceitação do cabelo natural, em um contexto no qual assumir e aceitar o cabelo natural tem sido uma forma de aceitação e grito de liberdade pela opressão vivida em torno dos modelos estéticos eurocêntricos. É neste cenário que surge este artigo que tem por objetivo relatar a experiência de 22 mulheres no processo de transição capilar, tendo em conta desafios e constrangimentos. Recorreu-se a revisão documental embasada nos preceitos teóricos de bell hooks[2] (1989, 2000) e a coleta de dados através de um questionário on-line. Levando em conta os resultados da pesquisa, pode-se concluir que o processo de transição, para essas mulheres, foi bom e elas se sentem satisfeitas com a escolha, contudo a grande maioria concorda que os produtos para cabelo natural são caros. Realçando ainda que muitas destas mulheres têm optado por tratar o cabelo em casa em detrimento do salão de cabeleireiro.

Palavras-chave: Cabelo Natural. Carapinha. Identidade. Transição capilar. Redes Sociais na Internet.

ABSTRACT

Thinking about identity in a context of globalization and constantly changing is a challenge faced by several societies. The identity formation process is neither statistical nor biological, but continuous and historical (HALL, 2005). Several movements have emerged in order to defend the representativeness and acceptance of natural hair, which taking on and accepting natural hair has been a form of acceptance and a cry for freedom from the oppression experienced around Eurocentric aesthetic models. It is in this context that the article appears: Narratives of black women and acceptance of natural hair as the creation of an identity, and aims to report the experience of 22 women in the hair transition process, taking into account challenges and constraints. Document review based on bell hooks'(1989, 2000) and theoretical precepts and data collection using an online questionnaire were used. Taking into account the results of the research, it can be concluded that the transition process was good and they feel satisfied with the choice, however the vast majority agrees that the products for natural hair are expensive. Also emphasizing that many of these women have chosen to treat their hair at home instead of the hair salon.

keywords: Carapinha. Identity. Natural Hair. Capilar Transition. social networks.

RESUMEN

Pensar en la identidad, en un contexto de globalización y de cambio constante, es un desafío al que se enfrentan varias sociedades. El proceso de formación de la identidad no es ni estadístico ni biológico, sino contínuo e histórico (HALL, 2005). Han surgido diversos movimientos para defender la representatividad y aceptación del cabello natural, en un contexto en el que asumir y aceptar el cabello natural ha sido una forma de aceptación y un grito de liberación de la opresión que se vive en torno a los modelos estéticos eurocéntricos. En este escenario aparece este artículo, que tiene como objetivo relatar la experiencia de 22 mujeres en el proceso de transición capilar, teniendo en cuenta desafíos y limitaciones. Se utilizó una revisión documental basada en los principios teóricos de bell hooks (1989, 2000) y la recolección de datos a través de un cuestionario en línea. Teniendo en cuenta los resultados de la investigación, se puede concluir que el proceso de transición, para estas mujeres, fue bueno y ellas se sienten satisfechas con la elección, sin embargo la gran mayoría cree que los productos para cabello natural son costosos. Se pone de relieve que muchas de estas mujeres han deseado tratar sus cabellos en casa en lugar de la peluquería.

Palabras-clave: Cabello natural. "Rizado". Identidad. Transición capilar. Redes sociales en la red.

[1] O Presente artigo foi realizado com o apoio do Programa de Estudante Convênio da Pós-Graduação (PEC-PG).

[2] bell hooks, é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, norte americana nascida em 25 de setembro de 1952, Hopkinsville, Kentucky, EUA. Acadêmica e ativista que vem trabalhando com as questões de raça, gênero e classe. bell hooks assumiu seu pseudônimo, o nome de sua bisavó, para homenagear os legados femininos. Ela preferia soletrá-lo com todas as letras minúsculas para chamar a atenção para sua mensagem e não para si mesma. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/bell-hooks>. Acesso em: 07 nov. 2020.

INTRODUÇÃO

Através da minha experiência pessoal, mulher negra que passou por processos de alisamento e transição capilar, surge a ideia de pensar e refletir sobre o assunto, tendo em conta as vivências e experiências de outras mulheres moçambicanas. Com embasamento teórico de Hooks (1989, 2000) e Kilomba (2019), pretende-se, desta forma, refletir sobre os prós, contras e constrangimentos que estas mulheres passaram no processo de transição capilar.

A aparência e preocupação com o visual tem sido uma constante inquietação das mulheres ao longo dos séculos. Algumas vivem anos sem saber como de fato é o seu cabelo natural[3]. Vivenciam-se anos de negação e fuga ao natural, várias justificativas poderão ser dadas a esta questão. Porém uma das questões aqui levantadas é o que a mulher moçambicana pensa sobre o assunto e como elas passaram pela experiência do processo de transição capilar desde a infância e como esse relacionamento com o Eu natural se desenvolveu: O que mudou? Como mudou?. No contexto Moçambicano as mulheres que optam pelo cabelo natural são chamadas de carapinhas[4], *team* natural entre outros.

O reinado da estética eurocêntrica está em declínio. Hoje vivemos um momento em que produtos ou mesmo salões de cabelereiro estão disponíveis para o tratamento e cuidado do cabelo natural. Isso é resultado de um movimento forte de aceitação do cabelo natural, afinal algumas mulheres decidiram dizer adeus aos alisamentos e aposentar a chapinha para exibir a coroa natural.

Em termos metodológicos, o artigo assenta em uma revisão bibliográfica e documental a partir de dados coletados na pesquisa on-line. A técnica para seleção dos casos foi a de amostragem por conveniência, onde resultou em 22 respondentes mulheres que deram os seus relatos sobre como é assumir o cabelo natural e ser carapinha. Os resultados foram tratados de forma qualitativa e quantitativa com recurso ao Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS)[5] que nos permitiu fazer a estatística descritiva dos dados colhidos e em termos

qualitativos optou-se por uma análise de conteúdo.

CABELO NATURAL E A CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

De acordo com Hall (2005), falar de identidade é entender a relação entre o "Eu e a sociedade" e os eventos que o rodeiam que acabam, então, por moldar as suas ações. Apesar de o indivíduo ter grandes influências no seu Eu real, algumas externalidades vão influenciar o seu comportamento. Essa identidade muitas vezes encontra-se em constante construção e pode ainda estar mal resolvida.

Vive-se na atualidade um movimento e questionamento da estética em torno do cabelo como uma forma de reivindicação de novas formas de ressignificação e representação do Eu. Como refere Hall:

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se transformando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2005, p.12).

Neste contexto pode-se ainda reforçar que a questão da identidade é um processo histórico e não biológico (HALL, 2005). Tendo em conta esta perspectiva pode-se então perceber como a construção da nova identidade tem passado pela aceitação e questionamentos em torno do cabelo.

Hooks (1989) relata, em *Talking Back: Thinking Feminist, Thiking Black*, a relação que as mulheres negras nos Estados Unidos tinham com o cabelo, e explica os processos de alisamento com pente aquecido como sendo um ritual que muitas mulheres negras passaram. Apesar de não estar explícito a tentativa dessas mulheres negras se parecerem mais às mulheres brancas, eram essas últimas que detinham os cabelos lisos e considerados mais bonitos. Ter cabelos lisos poderia ser vantajoso ainda no momento de procura de emprego e acesso a outros benefícios laborais

Falar de cabelo vai além de um adorno estético, pode ter vários significados e impactar a vida de

cada ser humano em dimensões inimagináveis. Segundo Vieira:

"Cabelo, cabeleira, cabeludo, descabelado..." Considerado por muitos apenas um instrumento estético, o cabelo vai muito, além disso. Uma simples opção por um corte ou penteado diz bastante sobre a personalidade de uma pessoa. Para os negros especialmente, que desde a década de 1950 desfilam com seus black power imponentes, ele transcende o campo da beleza e significa um encontro com a identidade e, por que não, uma ferramenta de afirmação (VIEIRA, 2019, p. 1).

Esta citação reforça que o movimento e a luta pela afirmação negra não é atual, mas de tempos em tempos ele vai ressurgindo e ganhando mais força e outras dimensões de luta. Já nos anos 50/60, a beleza pelo natural foi elevada através do movimento do *black power* nos Estados Unidos, e o que hoje vemos é uma continuidade e resignificação desses ideais.

Os anos 60 representaram um momento importante para uso do cabelo como instrumento de revolta política:

Durante a década de 1960, os negros que trabalharam ativamente para criticar, desafiar e mudar o racismo branco apontaram para a maneira pela qual a obsessão dos negros por cabelos lisos refletia uma mentalidade colonizada. Foi nessa época que o penteado natural, o "afro", tornou-se moda como sinal de resistência cultural à opressão racista e como celebração da negritude. Os "naturais foram equiparados à militância política" (HOOKS, 1989, p. 2, tradução nossa)[6].

O valor da mulher é muitas vezes associado a sua aparência. A evolução histórica mostra que várias lutas foram travadas pelas mulheres pelo direito de vestir aquilo que mais conforto as trazia (HOOKS, 2000) ou ainda andar com os seus cabelos naturais sem que seguissem o padrão eurocêntrico (VIEIRA, 2019). Esta reivindicação não se resume apenas às questões físicas, mas em como o seu cabelo é apresentado. Homens e mulheres passam pelo preconceito do cabelo crespo/natural, mas são as mulheres que mais tem se evidenciado nesta luta, onde se tem assistido uma tentativa de mostrarem a beleza dos cabelos naturais que, segundo Vieira (2019), as mulheres tem sido condicionadas desde o tempo da escravidão para que alisem o cabelo. Esta questão do belo é também levantada por Kilomba (2019)

[6] No original: "During the 1960s black people who actively worked to critique, challenge, and change white racism pointed to the way in which black people's obsession with straight hair reflected a colonized mentality. It was at this time that the natural hairdo, the "afro," became fashionable as a sign of cultural resistance to racist oppression and as a celebration of blackness. Naturals were equated with political militancy" (HOOKS, 1989, p. 2).

quando se associa a negritude a algo que não seja bom ou belo, mas sim repugnante.

Os relatos da pesquisa de Oliveira chamam atenção para o fato de muitas vezes a questão do cabelo fazer parte de vários espaços como a Universidade, entre outros; ou mesmo conectarem as questões do racismo e a não aceitação muitas vezes ao ser aceita ou não pela sociedade (OLIVEIRA, 2016). Mulheres negras durante muito tempo passaram por processos de mutação visual que as aproximassem de mulheres brancas. A própria sociedade cria mecanismos em que ter cabelo liso torna a pessoa mais aceitável ou até mesmo organizada. Através da indústria cosmética, estes ideais acabaram por se enraizar nas sociedades, através da existência de produtos químicos que permitem o alisamento e tornando o cabelo mais próximo ao de mulheres brancas, considerado o ideal e mais bonito. Ter o cabelo crespo/natural é visto desta forma como algo feio e que devesse sempre ser organizado (o cabelo) (EUGÊNIO JR., 2018).

As questões do cabelo e racismo tem sido um tema debatido em simultâneo, pois muitos são os momentos que as pessoas sofrem discriminação por terem o cabelo crespo, e não seguirem a linha de cabelo com características eurocêtricas e aceitáveis na sociedade (EUGÊNIO JR., 2018; KILOMBA, 2019; PAULA, 2014).

Em 2015, o Jornal Domingo[7] publicou um artigo onde abordava o retorno a beleza do cabelo crespo. Uma das suas fundamentações é que se vivia no país uma maior valorização da cultura e da mulher africana, associada à sua estética e aos seus cabelos. Neste sentido, percebe-se nas sociedades, e a moçambicana não ficou alheia, um movimento de mulheres que incentivam o retorno à identidade africana. No período da escravatura e da colonização, os africanos foram alvos de mutilação cultural, adotando padrões impostos pela civilização europeia. Os hábitos locais eram catalogados como indígenas e marginais. O cabelo crespo das mulheres negras alimentou, em grande medida, o preconceito racial, e era visto como desprovido de beleza. Algumas mulheres passaram mesmo pela

obrigação de cortá-lo. Na tentativa de assimilar a cultura ocidental, iniciaram processos penosos de aquecimento e química para tornar o seu cabelo igual aos fios lisos das mulheres brancas, tornando assim os cabelos negros mais próximos do colono (JORGE, 2015).

Jorge (2015) ressalta ainda como as questões culturais em torno do cabelo crespo estão enraizadas na história da humanidade:

As imposições culturais esboçaram espécie de revolução mundo fora. É impossível falar da história do cabelo crespo sem fazer referência à obra intitulada *400 Years Without a Comb* (400 anos sem um pente, em português), obra de Willie L. Morrow. O livro ressalta a humilhação de escravos africanos na América devido ao cabelo crespo. A obra mostra como o negro viveu na sociedade americana, abordando, por exemplo, a invenção do pente, mencionando a descoberta de processos químicos de preparação de cremes desfrisantes para tornar o cabelo da mulher negra mais liso. Estes produtos tiveram muita repercussão de tal forma que até hoje a América se tem destacado na sua produção (JORGE, 2015, p. 1).

Kilomba (2019) apresenta uma excelente definição sobre o ser diferente, onde este é assim considerado tendo em conta a sua condição e este é catalogado como sendo diferente no sentido que não comporta as características a que está habituada ou deve ser considerada. A autora levanta ainda alguns questionamentos na sua obra que não foge muito do que muitas mulheres crespas sofrem ao longo da sua trajetória como mulheres negras: "como você lava seu cabelo?; Ou querem saber se eu penteio: Você penteia seu cabelo?" (2019, p. 123). A autora ainda chama a atenção que estas perguntas nunca se fazem no sentido inverso, uma negra a uma mulher branca, se esta lava ou penteia o seu cabelo, mas a mulher negra constantemente é bombardeada com estas questões.

As redes sociais na internet têm tido um papel primordial na disseminação e aceitação do cabelo natural em Moçambique. Apesar de no país a maior parte da população não ter acesso a internet de forma expandida, seja pelo uso do celular ou do computador (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2019)[8], mas aqueles

que possuem o acesso tem sido influenciados à mudança e obtém informação nas redes, como o Facebook ao Instagram. Através de diferentes plataformas de comunicação, é possível despertar nas pessoas o orgulho e a aceitação da carapinha, são ainda partilhadas experiências, ensina-se como cuidar dos cabelos crespos. As mulheres são sobremaneira incentivadas a criar e cuidar do cabelo natural (JORGE, 2015).

Em Moçambique, a sociedade ainda não encara o cabelo natural como sendo algo bonito. Ainda existe preconceito, e ter o cabelo crespo ou *dread locks*[9] ganham conotação de marginalidade ou rebeldia (JORGE, 2015). Apesar das várias resistências e preconceitos em torno do cabelo natural, esta tendência tem vindo a ganhar cada vez mais seguidores que tem redescoberto formas de autoafirmação e de identidade. Se no local de trabalho são vistas como rebeldes ou despenteadas, as mulheres não se retraem e continuam a sua luta na conquista dos seus espaços.

É importante realçar que uma das formas encontradas pela mulher negra moçambicana, como forma de ocultar o cabelo natural foi optar por outros adornos estéticos para além do alisamento, como aplicação das mechas[10] de formas e feitios diversos. Muitas mulheres em Moçambique usam algum tipo de adorno na cabeça (CRUZ, 2012). O que o movimento das crespas ou carapinhas traz, é que cada vez mais mulheres vão se libertando dos adornos assumindo o cabelo sem nenhum tipo de aplique. Realçando que muitos desses adornos (no caso do lenço ou turbante) são importantes aliados na fase de transição capilar.

O Processo de Transição Capilar

De acordo com Ferrari e Assis (2017, p. 74) "a transição capilar é abordada enquanto um fenómeno social caracterizado pelo abandono dos tratamentos químicos que modificam as características naturais dos cabelos por grupos de indivíduos". Deste modo, pode então dizer que a transição capilar é uma fase de mudanças. Importa referir que este fenómeno social não é novo e com a evolução do capitalismo outras formas de fazer face ao

[7] Este é um jornal que é publicado em Moçambique aos domingos.

[8] Moçambique tem uma população total de 27909798 habitantes, e de acordo com os dados do último censo, apenas 26,4% da população tem celular e 5,1 tem um computador. Tanto um como outro meio podem ser instrumentos que permitem o acesso a internet. Disponível em: <https://cutt.ly/ThYCR03>. Acesso em: 17 dez. 2019.

[9] É um penteado na forma de mechas emaranhadas, ou uma forma de se manter os cabelos que se tornou famosa com o movimento rastafari.

[10] Cabelo sintético que permite que sejam feitos vários tipos de penteados.

politicamente correto em termos de aparência capilar têm sido colocadas no mercado. Embora tudo comece com o desejo de assumir os cabelos naturais, a transição é capaz de mudar mais do que isso (TODECACHO, 2019)[11]. A transição é um momento de conquista e aceitação do seu Eu enquanto mulher crespa que assume os seus cabelos com as suas perfeições e imperfeições, e criando formas e mecanismos de cuidar dos mesmos sem que seja algo ruim e depreciável.

Maior parte das mulheres que trilhou o caminho da transição capilar, em algum momento da sua vida passou por alguns questionamentos que eram feitos ao seu cabelo: apelidos de duro, ruim, feio que depreciassem e que contribuíram para uma menor aceitação do cabelo natural, criando desde cedo uma necessidade de querer mudar o seu cabelo para algo que fosse socialmente belo e aceitável, que seria o cabelo liso com características eurocêntricas (FERRARI; ASSIS, 2017).

Em Moçambique, país que esteve sobre o domínio colonial português até 1975, subsistem alguns resquícios dessa dominação no que tange a aceitação pelo cabelo natural. Apesar de o país ser composto na sua maioria por população negra, muitas são as mulheres que desde a sua infância não tem tido um relacionamento saudável com o seu cabelo natural. Preterindo a diversas formas de alisamento ou outras que lhe permitam certa semelhança com a mulher branca. Assis e Ferrari (2017) referem que mesmo o Brasil, que é um mosaico cultural, e com parte da população de descendência negra, persiste o preconceito muito forte, fazendo com que muitas pessoas se submetam a "cirurgias plásticas, alisamentos e diversas outras técnicas a fim de se afastar cada vez mais de suas raízes etnicorraciais" (2017, p. 75).

De acordo com Lima (2017, p. 32) "desde o início dos anos 2010 se disseminou via redes sociais um movimento de valorização do cabelo crespo natural". Verifica-se também nesse período uma maior divulgação dos produtos para cabelo natural, no qual o turbante passa a ser um grande aliado no processo de transição capilar. Passando este a ser visto como um adorno que restitui a autoconfiança de mulheres negras durante esse processo.

De acordo com Ifé (2013), o primeiro passo para aceitar a transição é a paciência. Afinal, esperar o cabelo crescer e eliminar toda a parte da química (que por sinal está bastante danificada) exige muito de você. Esta aceitação é bastante pertinente pois em alguns momentos a dificuldade em tratar o cabelo natural advém da falta de paciência e a ansiedade para que os resultados da transição sejam logo visíveis. Matos (2016) realça o fato de que a transição capilar, em certa medida, pode ser um processo penoso para algumas mulheres que passam a lidar com um cabelo que incorpora duas texturas diferentes afetando a sua autoestima e fazendo com que algumas se sintam feias.

A questão de se achar uma mulher feia encontra-se nos relatos da obra de Kilomba (2019, p. 126) onde esta faz menção a "relação que se faz ao cabelo natural como sendo algo que torna a mulher feia. A aceitação do outro em face de a outra assumir o seu cabelo natural". Realça-se aqui a preocupação pelo cabelo das mulheres negras e o alisamento como sendo questões milenares. Dificilmente se vê os cabelos naturais de muitas mulheres negras, ter cabelo crespo/carapinha tem sido uma questão que levanta sempre xingamentos e preconceitos por parte do outro, sempre visto como algo descuidado e que necessita de ser penteado. O cabelo do negro sempre foi visto algo primitivo e que não era belo. Em Moçambique, por exemplo, andar com cabelo despenteado pode ser motivo para que um estudante seja retirado da sala de aula por não estar apresentável, ou ainda pode ser determinante como mecanismo de aceitação no local de trabalho.

Vários termos são utilizados para descrever o cabelo sem química, os mais comuns são: "cabelo natural", "cabelo crespo", "cabelo cacheado", "cabelo afro" (MATOS, 2016) ou cabelo carapinha[12]. Cada um destes cabelos tem a sua especificação que vai deste a não utilização de químicos (cabelo natural) ou ainda o fato de serem termos relacionados a aparência do cabelo (cabelo crespo e cabelo cacheado) (quadro 1). No fim, o que importa é que crespo ou ondulado ou afro, todos estes tipos de cabelos englobam aquilo que designamos de cabelo natural, livre de químicos e

qualquer transformação, independente do aspecto que o cabelo ganhe após o processo de transição capilar.

QUADRO 1- TIPOS DE CABELO

TIPOS DE CABELOS	DESCRIÇÃO
Cabelo Natural	Este tipo de cabelo refere-se a um suposto estado de natureza, por ser o cabelo que nasce sem utilização de química de transformação da estrutura do fio, mas esse cabelo é cuidado com vários tipos de cremes e produtos, industrializados ou não, formas de testurizá-los que de alguma forma modifica a sua aparência, mesmo que os efeitos obtidos não durem tanto tempo como no caso do uso das químicas de transformação.
Cabelo Crespo e Cabelo cacheado	Estes termos estão relacionados à aparência do cabelo, ondulado, espiralado ou encrespado, mas esses termos também denotam uma disputa, onde os cabelos crespos seriam os mais próximos dos africanos, então quem os possui teriam mais legitimidade ao se assumirem como negros, já que as possuidoras do cabelo cacheado não seriam alvo de tanto preconceito por conta desse formato está mais próximo do cabelo que é considerado como "bom".
Cabelo Afro	Já o termo "cabelo afro" é mais englobante, reunindo os vários tipos de cabelos que as pessoas que tem herança negra em sua carga genética podem possuir.

FONTE: Matos (2016a, P. 846) adaptado.

Para efeitos desta pesquisa, irei fazer menção ao cabelo natural ou crespo, como aquele cabelo livre de química e qualquer outra transformação que recorra ao alisamento ou transformação por meio de outros produtos. Em algum momento farei também uso do termo carapinha que é uma forma usual de designar o cabelo natural de mulheres negras em Moçambique. No Brasil o cabelo natural das negras é também o cabelo crespo associado aos cachos que estes produzem quando crescem de forma natural, típico de uma sociedade marcada pela miscigenação das raças.

[11] Disponível em: https://www.todecacho.com.br/blog_section/transicao-capilar/. Acesso em 10 dez. de 2019.

[12] Termo muito usando no contexto moçambicano para designar o cabelo de difícil trato e normalmente natural (sem químicos).

**RELATOS DE UMA TRANSIÇÃO
CAPILAR**

Procedimentos metodológicos

Tem se verificado a proliferação de grupos nas redes sociais na internet ou mesmo de mulheres a nível individual que contribuem para disseminação do tratamento e cuidados com o cabelo natural. De modo a desmitificar o fato de ser algo ruim ou desprezível e sem solução. Estes movimentos têm sido impulsionados pelas redes sociais na internet (Facebook Instagram, YouTube, entre outros). Através da criação de grupos abertos ou fechados onde ocorre a troca e partilha de experiências em torno do tratamento do cabelo natural.

Em Moçambique há que destacar as comunidades da web e salões de beleza que tem como enfoque o cabelo natural: o grupo do Facebook “Carapinhas do indico” criado em 2014 conta com 15.191 membros; a marca “Bradas da nossa carapinha”, salão de beleza com página no Facebook desde 2014 conta com 34.046 seguidores; “Xi3 cabeleireiro & spa cabeleireiro” com página no Facebook desde 2017 conta com 2.532 seguidores, “Salão afrocêntrico” que conta com 1.182 seguidores no Facebook. Estes são apenas alguns dos locais e marcas especializadas no tratamento do cabelo natural e que disseminam informação pela web. A existência destes grupos tem permitido trocas de experiências entre os utilizadores de determinados produtos e de como tratar e cuidar do cabelo natural.

Este artigo resulta do relato de 22 mulheres, que utilizam com alguma frequência a rede social Facebook e tem em comum o fato de serem mulheres que ostentam o cabelo natural. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário on-line que foi implementado através da sua disponibilização por via eletrônica entre os dias 12 e 23 de dezembro de 2019. O questionário era composto por 13 questões das quais a maior parte com opções de resposta de escolha múltipla e apenas três abertas: *Questão 5: Como tem sido o seu relacionamento com o seu cabelo natural (desafios, prós e contras)?; Questão 6: Após assumir o seu cabelo natural, que tipo de constrangimentos passou (relate um episódio); e por fim a*

Questão 13: Para terminar, quais são as principais dificuldades que você encontrou para cuidar do seu cabelo natural/crespo?. O objetivo deste questionário era relatar o processo pelo qual estas mulheres tinham passado no momento de transição capilar, tendo em conta desafios e constrangimentos.

Tendo em vista analisar de forma sistemática o resultado do inquérito on-line, recorreu-se à análise de conteúdo. Segundo Bardin (2002), esta técnica permite analisar de forma exaustiva diversos comportamentos e ajudar o cientista social através do uso de várias técnicas, permitindo analisar de forma clara a mensagem do texto que nos é apresentada.

Resultados

A faixa etária das respondentes compreende os 30 a 45 anos de idade e todas com curso superior completo (graduação) e em alguns casos pós-graduação (Mestrado ou Doutorado), algumas das inquiridas iniciaram o processo de transição capilar a menos de 12 meses, mas a maioria está nesse processo a mais de 5 anos. A maior parte das inquiridas refere que a experiência em ser crespa tem sido boa, apesar de apresentar alguns desafios.

Ser crespa tem sido o momento de liberdade ou de afirmação de identidade como afirma a inquirida M[13]:

Considero um relacionamento simples e tranquilo. Por ter um fio de cabelo muito crespo nunca dei-me bem com desfriso (nunca pegava), logo comecei desde cedo uma relação de amor com o meu cabelo natural, embora sempre que pudesse num estilo protetor. Honestamente não vejo os contras porque não desenvolvo rotinas complicadas e nem um trato como um bebê que precise de uma atenção extra..... lá vai ela com o estilo próprio e achavam graça ao que para mim era apenas criação de identidade.

Quando questionadas sobre os constrangimentos que passaram após assumirem o cabelo natural, mais de 59,1% afirma que passou por algum tipo de constrangimento e 40,9% não sofreu (tabela 1). E dos que sofreram tais constrangimentos a maior parte sentiu no local de trabalho (40,9%), algumas entre amigos (13,6%), e outras no salão de cabeleireiro (9,1%) (tabela 2). Estes constrangimentos podem ainda

estar relacionados ao fato de se considerar o cabelo ruim ou de difícil trato, tal como já foi apresentado no pensamento de Kilomba (2019) e Silva (2017).

Tabela 1 Constrangimento após assumir o cabelo natural

		Respostas das entrevistas	Porcentagem válida
Válido	Não	9	40,9
	Sim	13	59,1
Total		22	100,0

FONTE: Elaborado pela autora

Tabela 2- Situações em que passou constrangimento

		Resposta das entrevistas	Porcentagem	Porcentagem válida
Válido	Nenhum	7	31,8	31,8
	Local de Trabalho	9	40,9	40,9
	Amigos	3	13,6	13,6
	Salão de Cabeleireiro	2	9,1	9,1
	Outras situações	1	4,5	4,5
Total		22	100,0	100,0

FONTE: Elaborado pela autora

Tendo em conta influências externas ou não para iniciar o processo de transição capilar, a maior parte iniciou o processo de transição capilar por vontade própria (45,5%), sendo que algumas sofreram influência de amigos ou colegas (27,3%), familiares (13,6%), companheiro/a (9,1%) e outras influências (4,5%) (tabela 3). Importa ressaltar que este processo de transição para algumas dessas mulheres foi um momento de libertação e despreocupação em seguir modelos pré-definidos.

Tabela 3- Influências no processo de transição

		Respostas das entrevistas	Porcentagem
Válido	Nenhuma influência/vontade própria	10	45,5
	Amigos/colegas	6	27,3
	Familiares	3	13,6
	Companheiro/a	2	9,1
	Outras	1	4,5
Total		22	100,0

FONTE: Elaborado pela autora

A maior parte das crespas opta por tratar o cabelo em casa (68%), a outra parte (32 %) recorre ao salão de cabeleireiro para o efeito. Sendo que existe pouca oferta de salões especializados no cabelo natural, esta pode ser uma das razões que leva as pessoas a cuidarem dos seus cabelos em casa. Outro aspeto relevante são os p reços praticados

[13]Por questões de privacidade os nomes das inquiridas foram substituídos por letras.

dos produtos para cabelo natural. Maior parte das inquiridas considera os preços caros (45,5%), 40,9% não considera nem caros nem baratos, 9,1% considera que os produtos não são muito caros e 4,5% que são extremamente caros (tabela 4).

Tabela 4- Preço dos produtos para cabelo natural

	Resposta das entrevistadas	
	Resposta	Porcentagem
Não muito caros	2	9,1
Caros	10	45,5
Nem caros nem baratos	9	40,9
Extremamente caros	1	4,5
Total	22	100,0

FONTE: Elaborado pela autora

Tendo em conta três das questões abertas contidas no inquérito procedeu-se então a análise de conteúdo das mesmas. Levando em consideração a questão em torno do relacionamento que as inquiridas tem com o cabelo natural foram criadas algumas categorias de análise, com base no embasamento teórico do artigo. Pode-se então concluir que existe um sentimento positivo em relação ao processo de transição que estas mulheres passaram. E maior parte delas passou a ter hábitos saudáveis quando se fala do cuidado com o cabelo. Outras ainda redescobriram-se, e a quem pode considerar uma forma de liberdade. Algumas realçam as dificuldades que tem no processo de tratamento do mesmo (hidratação entre outros tratamentos). Existe ainda um grupo de mulheres que sofreu críticas por assumir o seu cabelo natural livre de químicos (quadro 2).

Quadro 2- Relacionamento com o seu cabelo natural (desafios, prós e contras)

Categorias
1. Sentimento positivo em relação ao processo de transição capilar
2. Hábitos saudáveis de cuidar do cabelo
3. Tempo dispendido a cuidar do cabelo
4. Descoberta de um novo Eu/autoconhecimento
5. Liberdade
6. Dificuldades de tratamento
7. Críticas
8. Ausência de salões

FONTE: elaborado pela autora

Em torno da questão: *Quais são as principais dificuldades que encontra para cuidar do seu cabelo natural/cresto?* pode-se concluir que o tempo tem sido a principal dificuldade que muitas das inquiridas encontram para cuidar do

cabelo. A distância para encontrar salões de cabeleireiro especializados acaba sendo também um entrave. Encontrar produtos ou a falta de diversidade pode também ser uma questão relevante no processo de transição capilar. Apesar de alguns produtos serem naturais, a questão financeira acaba por criar alguns entraves, pois há quem considere os produtos extremamente caros (quadro 3).

Quadro 3- Principais dificuldades que encontra para cuidar do cabelo natural/cresto

Categorias
1. Tempo
2. Distância
3. Manejamento do próprio cabelo
4. Disponibilidade de produtos
5. Diversidade de produtos
6. Questões financeiras

FONTE: Elaborado pela autora

Após assumir o seu cabelo natural, a maior parte das inquiridas passou por alguma situação constrangedora em relação ao seu cabelo, desde o fato de serem discriminadas até a insinuação de que o seu cabelo natural raramente a ajudaria a chegar em um cargo de direção. Algumas mulheres ouviram comentários depreciativos por terem assumido o cabelo natural ou ainda passaram por dificuldades ao se deslocarem ao salão, pois os profissionais dos cabelos na maior parte dos casos não estavam habituados ao cabelo natural (quadro 4).

Quadro 4- constrangimentos após assumir o cabelo crespo

Categorias
1. Questões em torno do cabelo
2. Associação do cabelo a impossibilidade de assumir cargos de direção
3. Questionamentos em torno da decisão tomada em usar o cabelo natural
4. Discriminação
5. Dificuldade por parte dos profissionais de cabelo
6. Comentários depreciativos

FONTE: elaborado pela autora

Importa ainda realçar que estas questões de constrangimento e discriminação foram abordadas nos trabalhos de Kilomba (2019), Eugênio Júnior (2018) e Paula (2014). Desse modo, os resultados da presente pesquisa confirmam que o processo de transição capilar é penoso e

desgastante, e acima de tudo contribui para o preconceito e a segregação.

CONCLUSÃO

O movimento black power que ocorreu nos Estados Unidos, não é exclusivo desta região mas teve os seus reflexos em outras sociedades e foi se reinventando ao longo dos tempos e atualmente vivemos com bastante ênfase a questão da identidade associada ao cabelo natural.

Durante muito tempo, ter o cabelo natural foi visto como algo ruim ou negativo tendo ainda influência na vida pessoal e social, sobretudo das mulheres. A questão de se parecer mulher com características eurocêntricas (cabelos lisos) tornou-se um dos objetivos de várias mulheres durante séculos para que fossem consideradas bonitas, tendo em conta o cabelo que ostentassem.

A valorização da mulher muitas vezes é associada a sua estética (traços finos, pele clara, cabelos lisos e organizados), onde aparentar o cabelo natural torna-se algo desorganizado e de péssima apresentação, e para se adequar aos padrões pré-estabelecidos, é necessário alisar (recorrendo a produtos químicos) ou colocar algum adorno de modo a se tornar apresentável perante a sociedade. Este processo de discriminação ocorre em vários espaços: familiar, escolar, local de trabalho entre outros, onde homens e mulheres são vítimas do preconceito pela aparência natural do seu cabelo.

É neste contexto que o processo de transição capilar tem sido um grito de liberdade e redescobrimto da sua beleza enquanto mulheres que deixam de usar produtos químicos para alisar ou transformar por outras vias a aparência do seu cabelo. A transição capilar, apesar de ser um momento difícil, é de extrema importância quando se fala em aceitação do cabelo natural, pois quebra o ciclo de alienação do eu através dos produtos químicos e outros mecanismos de modificação do cabelo.

Com base nos relatos colhidos, pode-se ainda concluir que existe um grande preconceito e dúvidas por parte de terceiros sobre o fato de

determinada mulher ter optado por assumir o seu cabelo natural. É notória que maior parte delas passou por um constrangimento seja no ambiente familiar ou de trabalho, mas sempre existe alguém com alguma inquietação em torno da sua aceitação enquanto mulher que assumiu os seus cabelos crespos.

No seio de tanto questionamento por parte de terceiros e de diversas dificuldades enfrentadas pelas entrevistadas (não conseguir tratar, não ter tempo, deslocamento até o salão de beleza, questões financeiras etc.), todas estão bastante satisfeitas com a opção tomada de assumir o cabelo natural.

Para finalizar, para estas crespas este é um caminho sem volta onde se denota pelas narrativas que ser natural liberta-as, no sentido que muitas delas vão desenvolvendo um novo modo de se relacionar com o seu cabelo, sem que este seja visto como algo ruim. Cabelo natural visto então como algo lindo e que torna a mulher ainda mais bela lutando contra o movimento eurocêntrico imposto desde os tempos da colonização às mulheres negras.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Seguindo as tramas da beleza em Maputo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11460>. Acesso em 17 dez. 2019.
- EUGÊNIO JR., Amauri. **Por que a sua “opinião” sobre cabelos crespos é racismo?**, 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/ehUKQ2Q>. Acesso em 16 dez. 2019.
- FERRARI, Érica; ASSIS, Juliana. A Dimensão informacional da transição capilar: identidade e empoderamento nas mídias sociais. **Revista Brasileira de Educação em Ciências da Informação**, v. 4, n. 1, p. 74-95, 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/DhUKYz4>. Acesso em 17. dez. 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA Editora, 2005.
- HOOKS, Bell. Straightening our hair. In: **Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black**. New York: South end Press, 1989.
- HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody: passionate politics**. Canada: South end Press, 2000.
- IFÉ, Lorena Morais. **Da química ao natural: o processo de transição capilar**. 2013. Disponível em: <https://cutt.ly/ghUKAXk>. Acesso em: 15. nov. 2019.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Resultados Definitivos: censo 2017 IV recenseamento Geral da População e Habitação**. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/QhUKFve>. Acesso em 15. fev. 2020.
- JORGE, Luísa. **O retorno à beleza do crespo**. *Jornal Domingo*, Maputo, 03 out. 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/VhUKZkU>. Acesso em 10 dez. 2019.
- KILOMBA, Grada. Políticas do Cabelo. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogo, 2019. p. 121-132.
- LIMA, Dulcilei da Conceição. Tá na cabeça, tá na web. Significados simbólicos e historicidade do uso do turbante no Brasil. **Dobras**, v. 10, n. 22, p. 22-41, 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/phUK9G8>. Acesso em: 14 dez. 2019.
- MATOS, Lidia. Transição capilar como movimento estético e político. In: ANAIS DO I Seminário Nacional de Sociologia da UFS, 1, 2016, Sergipe. **Anais [...]** Sergipe: 2016a. Disponível em: <https://cutt.ly/qhPtmMi>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- MATOS, Lídia. Não é só cabelo, é também identidade: transição capilar, lita política e construções de sentido em torno do cabelo afro. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 30, 2016, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: 2016b. Disponível em: <https://cutt.ly/bhULqzJ>. Acesso em: 01 dez. 2019.
- OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. Meu cabelo não é só estética, é também política: os movimentos sociais e as narrativas visuais. **Revista da ABPN**, v. 8, n. 20, p. 217-230, 2016.
- PAULA, Bruna de. **O que cabelo tem a ver com racismo?**. 2014. Disponível em: <https://cutt.ly/ehULi3Q>. Acesso em 17 dez. 2019.
- SILVA, Amanda Raquel da. Estética como ação política: fazendo cabeças e soltando cabelos. **Equatorial**, v. 4, n. 6, p. 83-110, 2017.
- VIEIRA, Kauê. **Black Power: Instrumento de resistência e cultura**. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/shULa8v>. Acesso em 16 dez. 2019.

Artigo recebido em: 27 dez. 2019. | Artigo aprovado em: 31. out. 2020.

[i] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Desenvolvimento e Cooperação Internacional pelo Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Integra o Grupo de Pesquisa Processos Participativos na Gestão Pública (UFRGS). Professora da Universidade Joaquim Chissano, em Moçambique.
Orcid: <http://orcid.org/0000000313812991>
E-mail: ksarahxavier@gmail.com